

Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa

Bodly and leisure: the lose of cupability fieling

Wagner Wey Moreira¹

Introdução

MOREIRA, W. W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **R. bras. Ci. e Mov.** 2003; 11(3): 85-90.

Ao receber a missão de associar os temas corporeidade e lazer, confesso que fiquei preocupado, pois, historicamente, não tenho produzido textos na área de lazer, área essa que conta com profissionais bem competentes em análises acadêmicas.

No entanto, aceitei o desafio no sentido de tentar escrever sobre lazer a partir do corpo que vivencia esse momento de não trabalho, sendo, dessa forma, o lazer um elemento constitutivo da corporeidade. Se, ao longo das civilizações, a relação corpo e trabalho parece “natural”, não necessitando de teses comprobatórias, isso também deve ser válido para a relação corpo e lazer; daí considerarmos lazer e trabalho como constitutivos da corporeidade existencial e não como uma dualidade oposta.

Estruturalmente, o escrito está composto dos seguintes itens: o primeiro, no qual tentarei apresentar as diferenças de valor entre os conceitos de corpo e corporeidade; o segundo, em que mostrarei que o lazer é fundamental para a motricidade do ser humano, mesmo isso tendo sido negado ao longo do tempo; finalmente, no terceiro, relatarei episódios desse corpo vivido que comprovam a necessidade do lazer.

Como pode ser apreendido, o que proponho é uma tentativa de ver a relação corporeidade e lazer sob um outro olhar, ou mais precisamente, é para enfatizar o que Merleau-Ponty assegurava: “Eu decolo de minha experiência e passo à idéia”. (1)

Do corpo à corporeidade

Escrevi, certa vez, que analisar o fenômeno corporeidade é adentrar aos símbolos e signos que estão tatuados no corpo ao longo do tempo. O ser humano, por produzir cultura e história, ao mesmo tempo em que é modificado por essa cultura e essa história que produz, recebe marcas que estão presentes em seu modo de ser e de se relacionar com os outros e com o mundo.

Enfocar então a possibilidade da transição do conceito de corpo, presente ao longo da história ocidental, para o conceito de corporeidade, dentro da área da Educação e da Educação Física em que milito, é condição fundamental para afirmar que o lazer pode ser elemento constitutivo da corporeidade.

As áreas de Educação, da Educação Física e da Saúde em toda a sua vertente biológica, como áreas de conhecimento que estudaram e ainda estudam o corpo humano, em seus mais variados aspectos, realizaram sua tarefa sob o enfoque do paradigma cartesiano newtoniano, disso resultando uma produção de pesquisas privilegiando a concepção de corpo máquina, de corpo útil, cuja exploração era justificada em nome da exacerbação da lógica formal. Assim, na produção de conhecimento sobre o corpo, efetuada por essas áreas, que valores estão presentes? Como os profissionais dessas áreas realizaram, e ainda realizam, suas investigações para a produção de conhecimento sobre o corpo? Clarear esse ponto é condição primeira no sentido da compreensão da possível passagem do conceito de corpo para o de corporeidade.

É importante salientar que, ao procurarmos elucidar a passagem de um conceito para outro, não estamos negando o conhecimento produzido até aqui em relação ao trato com o corpo. O que alertamos é que esta forma de produção de ciência, ou os valores que dão sustentação a este conhecimento, já não são suficientes para o trato do fenômeno corporeidade.

Do conhecimento do corpo

Na tradição científica, podemos adjetivar alguns valores que estiveram presentes na produção de conhecimento sobre o corpo, dentre os quais destacamos alguns.

¹ UNIMEP

Recebido: 11/03/2003
Aceite: 18/04/2003

Ao longo do tempo, conhecer o corpo significava invadi-lo em sua intimidade e, nessa invasão, era permitido manipulá-lo de todas as formas. É isso que podemos chamar de **corpo objeto manipulável**. Interessante notar que isto ainda está presente na forma de conhecer o corpo hoje em dia nos cursos de graduação.

Muitos acadêmicos, ao serem levados a conhecer a estrutura do corpo humano, no sentido de conhecer a vida e o movimento desse ser, aprendem a identificar, por exemplo, os nomes dos ossos, dos músculos, bem como o funcionamento do conjunto estrutural do corpo. E isso é feito, via de regra, manipulando-se peças anatômicas e cadáveres em bancadas de laboratórios. Apesar da importância desse conhecimento, a pergunta que fica é a seguinte.

É possível conhecer algo de vida, de movimento, de corpo que pretende desfrutar de lazer, apenas manipulando peças mortas e sem movimento ou mesmo identificando nomes de músculos e ossos?

Outra forma de conhecer o corpo, também consagrada, é a do **corpo objeto mecânico**. Isso não é novidade, pois a institucionalização da forma “correta” do pensar científico, apresentada por Descartes, já advogava a semelhança entre corpo e relógio. Impressionante é o fato de esta forma de trato com o corpo estar ainda consagrada em nossos dias. Cuidar de um corpo humano como se cuida de um relógio, provavelmente, nos levará a tentar ter as mesmas atitudes em relação aos dois: se uma parte ficar danificada, substitui-se essa parte; se a aparência não estiver boa, vamos polir para deixar “nova em folha”, possivelmente por meio de reconstruções ou remodelagens plásticas. Perder barriga, aumentar seios, aumentar bumbum, ter corpo “sarado”, segundo o padrão estético da moda, não é trocar peças de uma engrenagem? Ou mesmo quando estamos com dor de cabeça, por exemplo, e tomamos um comprimido sem identificar o histórico desse sintoma, isso não é tratar o corpo como máquina?

Interessante notar hoje que o relógio de Descartes já não mais existe, pois, corda, mola mestra, dentre outras peças, ficaram na história. No entanto, o corpo continua sendo tratado como objeto mecânico, da mecânica clássica.

Conhecer o corpo também tem se materializado por meio do **corpo objeto de rendimento**. A nossa estrutura social e o nosso modo de vida ocidental levaram-nos a ter, no rendimento, um dos valores mais importantes: uma pessoa “vale o quanto rende”. Render, é óbvio, significa produzir mais, ganhar mais, ter um lucro maior, conotações essas que desprezam os corpos que rendem menos.

Essa “mais valia” também se aplica ao trato com o corpo, pois, corpo mais valorizado é aquele que vence mais, representa melhor, tem melhor físico, é mais bonito, mais rápido, mais forte, mais alto.

Nos dias de hoje, vemos várias manifestações na tentativa de se formarem e formatarem corpos esplêndidos, pois, rendimento sempre está associado à idéia de perfeição. Assim agindo, mais uma vez vemos a repetição da história da eliminação dos corpos possíveis: queremos filhos geneticamente perfeitos, esteticamente bonitos, socialmente destacados. O endeusamento do alto rendimento faz com que a maioria das pessoas se sinta incapaz de realizar tarefas: não toco um instrumento musical por não ser um virtuose; não pratico um esporte por não ser um craque naquela

modalidade; não escrevo um texto por não ser um poeta consagrado; não ousa em todos os sentidos por me considerar inapto para qualquer coisa.

Em última análise, o conceito de perfeição de rendimento justifica sua antítese, a exclusão, permitindo que corpos sejam descartados a partir do momento que não mais rendem segundo o padrão da perfeição. Isso está muito presente em nossa sociedade na figura do corpo idoso, tratado inclusive pela ciência como um adulto a menos, pois ele perde isto, perde aquilo, tem mais dificuldades para isto e para aquilo. Resultado: como o corpo idoso já não rende igual ao corpo adulto, descarta-se esse corpo de suas funções produtivas.

Concomitantemente ao corpo objeto de rendimento, temos a figura do **corpo objeto especializado**, essencial para o estilo produtivo da sociedade moderna. Aqui, mais uma vez vemos o poder do paradigma cartesiano, oferecendo o princípio do conhecimento como sendo a soma das partes para se chegar ao todo.

Nosso interesse, na análise sobre o corpo que se movimenta, aponta para a presença desse princípio em todas as áreas que se dedicam ao trato do corpo, como por exemplo: na Medicina, vemos milhares de artigos nos sites científicos sobre olhos, coração, fígado; na Fisioterapia, temos técnicas para reabilitação deste ou daquele membro; na Educação Física, vemos sistemas de treinamento para este ou aquele grupo muscular; mas, dificilmente vemos trabalhos sobre o corpo em sua unidade e totalidade. Dominamos técnicas, dominamos até o processo, mas, na maioria das vezes, não temos a visão contextualizada e nem temos a consciência de que os processos devem se transformar em novos projetos.

A formação profissional nas universidades privilegia o conhecimento das partes, na crença de que o conjunto deste conhecimento nos levará a conhecer adequadamente o ser humano. Formamos profissionais em nossos bancos acadêmicos que se especializam em doenças, em patologias, em desequilíbrios, mas não oferecemos a esses universitários a possibilidade de conhecer o humano no homem. Autores como Capra (2) e Morin (3), dentre muitos outros, já nos alertaram sobre as conseqüências desse proceder.

Nesta trilha da demonstração do conceito de corpo, ainda hegemônico entre nós, resta-nos uma última referência: a do **corpo objeto burro – corpo alienado**.

Foucault (4) já mencionava que muitas das nossas organizações sociais trabalham para tornar dóceis os corpos, onde o fazer não necessariamente está associado ao conhecer, muito menos a um saber por que e para que das coisas. Esse princípio capacita pessoas ao cumprimento de ordens sem entendê-las ou questioná-las.

A alienação, decorrente do não saber, tem sido explorada há muito tempo por sistemas opressivos de dominação, quer de forma mais explícita, como em governos ditatoriais, quer de forma mais sutil, como no controle do tempo e do espaço da ação corporal no dia a dia das atividades de trabalho.

Pode-se afirmar que a exacerbação da racionalidade, muito presente no modelo de sustentação de nosso processo de desenvolvimento, contribuiu para a formação desse corpo burro e alienado. Exemplo dessa situação pode ser encontrado no sistema educacional dominante, no qual decoramos o teorema de Pitágoras mas não sabemos o

porquê e o para quê dele, ou mesmo, temos uma leitura linear da história sem contextualizá-la, aprendendo fatos e personagens sem associá-los ao momento cultural e econômico.

Realizada a crítica de como o corpo é visto e trabalhado ao longo do tempo, é necessário um passo à frente, na direção da superação dessa situação, objetivando uma nova maneira para o vir a ser.

Todas as formas de trato ao corpo, criticadas até aqui, são sustentadas por referenciais teóricos produzidos pela ciência e ensinados na educação. Essa constatação nos leva a afirmar que não será possível estruturar mudanças no olhar o fenômeno corpo sem que se altere também a forma de ler essa realidade.

Para o conhecimento da corporeidade

Conhecer o fenômeno corporeidade exige o conhecimento de novas teorias hoje presentes na ciência e na educação, como por exemplo, teorias da complexidade, da visão sistêmica e da autopoiesis, dentre outras.

Ter consciência da corporeidade que somos requer identificarmos, como teóricos, os dois sentidos dados à palavra consciência na interpretação de Morin (5): o primeiro é relacionado com moral, pois, há de se ter um controle ético e político da atividade científica; o segundo está relacionado ao fato de ser o cientista um intelectual, portanto, portador de uma aptidão auto-reflexiva, exigindo que ele se pense e pense sua aventura científica pela reflexão filosófica.

Conhecer corporeidade é entender um **corpo sujeito existencial**, complexo, que vive sempre no sentido de sua auto-superação. A corporeidade no lazer mostrar-nos-á situações em que o ser hominal caminha para existencializar sua humanidade. Isso exige um estudo centralizado em um corpo sujeito, existencial, indivisível, que se movimenta para garantir a vida, entendida esta tanto no sentido individual quanto coletivo.

O corpo sujeito é ator e autor de sua história e cultura. É a corporeidade relacional, daí a necessidade da consciência de si, dos outros e do mundo. A corporeidade, por só poder ser entendida como relacional, exige uma conjugação em que estejam presentes, ao mesmo tempo, todos os pronomes pessoais. O **eu** corporeidade só tem sentido na presença dos outros: **tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas**.

Conhecer corporeidade é trabalhar no trato corporal com **o corpo que se auto-supera**. É muito presente hoje a constatação de que o ser humano tende, como vivo, à auto-superação e/ou à transcendência.

Nós passamos toda a nossa vida querendo ser sempre mais, lutando para isso, sejam lá quais valores possamos adjetivar para esse mais.

Viver momentos no lazer também explicita superação. Se a corporeidade no lazer, por exemplo, for vivenciada pelas atividades físicas e esportivas, ela estará tentando superar seus limites, muitas vezes competindo consigo mesma, encontrando nessa ação satisfação, prazer, sensações essas fundamentais para um corpo saudável.

Já pensando na função dos pesquisadores da área, estes deverão relacionar o ato de superação dessa corporeidade ao contexto onde ela se insere, na vivência da competição como algo não necessariamente antagônico à cooperação, à participação e, muito menos, como algo que objetiva à

eliminação do outro.

Creio que a associação corporeidade e lazer poderá facilitar o conhecimento do **corpo unitário e gregário**. A corporeidade desse ser humano funde em si o sensível, o inteligível e o motor.

O mundo predominantemente cosmopolita de hoje apresenta distorções que não permitem a fusão mencionada no parágrafo anterior, pois, em muitos locais e situações privilegia-se o inteligível em detrimento do sensível e do motor; em outras situações, privilegia-se o motor em detrimento do sensível e do inteligível; ou ainda, em alguns casos, privilegia-se o sensível em detrimento dos outros dois. No lazer, essa relação pode ser efetivada, bem como há a possibilidade da participação agregando-se as mais variadas faixas etárias, os mais diversos segmentos sociais, no sentido da convivência, da inclusão das diferenças, inclusão essa vivenciada no seu sentido mais amplo.

Vê-se, até aqui, a importância da associação dos fenômenos corporeidade e lazer, pois, essa associação, dentre outros fatores, exigirá mudanças significativas de enfoque e de valores quanto a esses fenômenos.

Conhecer corporeidade é trabalhar no trato corporal com **o corpo que busca qualidade de vida**, objetivo muito presente hoje em nossa sociedade. No entanto, muitos equívocos têm sido cometidos em relação à idéia de qualidade de vida, como por exemplo, associar qualidade de vida simplesmente com longevidade, acreditando que um ser humano que vive mais, necessariamente, é portador de uma qualidade de vida melhor.

Associar corporeidade e lazer, na busca do vivenciar qualidade de vida, pode nos remeter à preocupação de Capra (6) quando afirma a necessidade de minimizar o pensamento auto-afirmativo, hegemônico hoje, que valoriza o racional, o sentido da análise, a visão reducionista e o sentido linear, dando prioridade ao pensamento integrativo, no sentido de cultivar o senso intuitivo, o poder de síntese, as ações não lineares e a visão sistêmica.

Dessa forma, os valores de expansão, competição, quantidade e dominação, presentes no aprisionamento do corpo do ser humano hoje, poderiam ser substituídos por valores de conservação, cooperação, qualidade e parceria. Que tal uma ação em lazer com estes últimos valores?

Existencializar a corporeidade no lazer, numa vida com qualidade, é ousar propor projetos para uma sociedade pós-industrial, na qual, segundo De Masi (7), teremos de lutar por uma outra mudança de valores: deixaremos de nos preocupar demasiadamente com o produzir riquezas, o que aconteceu nos últimos duzentos anos da história da humanidade, e passaremos a projetar um mundo novo, preocupado com o distribuir dessa riqueza produzida, substituindo a competitividade e a exclusão pela solidariedade e hospitalidade. Esses são os valores adequados para uma vivência corpórea qualitativa.

Corporeidade e lazer, mais que mudança de procedimentos, mais que mudança de estratégias é uma mudança de valores.

Motricidade e lazer

Creio que um dos problemas que, de certa forma, impedem o desenvolvimento mais ágil das teorias em lazer, é que a construção de parte desse referencial teórico está estruturado em uma visão cartesiana de ciência. Assim, proponho-me a contribuir para a discussão do binômio

motricidade/lazer por considerar que as bases epistemológicas da Teoria da Motricidade Humana podem nos auxiliar a olhar o fenômeno por um outro enfoque.

Tem-se, como já consagrado, que a Motricidade Humana é uma área de conhecimento transdisciplinar encarregada do “estudo do ser humano que se movimenta intencionalmente na direção de sua auto-superação.”

Esta proposta de área de conhecimento leva em consideração o momento atual da história da humanidade, em que a mutabilidade de conceitos, de relações, de sistema de vida, dentre outras, processa-se em velocidade espantosa. Daí a necessidade de uma base epistemológica que não tenha o viés de uma ciência positiva, mas o sentido de destinar-se a clarificar a própria significação da obra científica. Assim, a tarefa dessa epistemologia é hermenêutica e histórico-crítica, sendo que a facticidade do ser humano e suas relações com o outro e com o mundo deveria ser o ponto central da preocupação em ciência.

Para um mundo em crise, há de se ter uma ciência em crise, com propostas de superação do modelo anterior. Dentre os autores apropriados para uma relação com mudanças de paradigmas e com a construção da Teoria da Motricidade Humana, oriundos das mais diversas tendências ideológicas, vemos Kuhn, Habermas e Merleau-Ponty. Como em minha vida de produção acadêmica dediquei-me ao estudo de Merleau-Ponty, posso iniciar a falar de motricidade, tecendo considerações sobre o mundo percebido, pois perceber é incorporar e interpretar os objetos, ou ainda, perceber é penetrar o percebido pelo corpo.(8)

A Teoria da Motricidade Humana, entre seus pressupostos, advoga a consciência do movimento, o que mais uma vez nos remete a Merleau-Ponty (8) quando afirma que a vida cognoscente e a vida perceptiva são sustentadas por um “arco intencional” o qual projeta em nosso entorno o passado, o futuro, o nosso meio humano, nossa situação física, ideológica, moral, ou melhor dizendo, faz que estejamos situados sob todos esses aspectos. É esse arco intencional que faz a unidade entre os sentidos, entre os sentidos e a inteligência, entre a sensibilidade e a motricidade.

Perceber esse ser que se movimenta exigiu um novo olhar científico que estudasse os movimentos, os gestos humanos desenhados no espaço ao longo de sua vida. Houve a necessidade dessa descontinuidade em ciência, pois, como já afirmara Kuhn, o desenvolvimento da ciência não se efetua por acumulação de conhecimento, mas, sobretudo em saltos qualitativos, por transformação dos princípios que organizam o conhecimento. Creio que, para a verificação adequada do fenômeno lazer, analisado como um todo e não apenas, por exemplo, como uma forma de compensação de trabalho, haverá a necessidade do entendimento desse ser humano como um todo, ou seja, por meio da ótica da motricidade.

Como uma nova possibilidade de fazer ciência, a Motricidade desafia novos campos de dúvidas, busca novas formas de experimentação do saber, promovendo o aparecimento de novas idéias em áreas já exploradas, rejeitando rotinas estruturadas em forma tradicional de se conceber ciência.

Entender esse ser humano que se movimenta, dentro da vertente advogada pela possível área Ciências da Motricidade, pode exigir, como afirma Marcellino (9), o estabelecimento de uma política de lazer que não signifique apenas uma política de atividades de eventos isolados,

cronologicamente apresentados durante um certo período de tempo, mas que entenda uma política de reordenação de tempo, de reordenação de espaço urbano, uma política associada a outras políticas de cunho social, em que o ser humano desfrute, coletivamente, da qualidade de seu movimento intencional na busca de superações.

Mas como ter conhecimento de uma política de lazer? Responder a esta questão nos coloca frente a uma ação educativa, no sentido primeiro desta ação que é o ser humano se conhecer a si mesmo. Neste sentido, cabe à Motricidade, como ciência que estuda esse homem no seu desenvolvimento e em sua plenitude, pelo movimento que pensa e executa, bem como pelos gestos em que esboça o anseio de superação, assumir uma importância ímpar para a aprendizagem do lazer, em especial, como constitutivo ativo da tradicional área da Educação Física. A Motricidade poderá apoiar os processos educativos para um “saber” e um “fazer” lazer, incorporando elementos estruturais desse conhecimento.

Também podemos, como Trovão do Rosário (10), afirmar que o estudo do movimento corporal, das suas origens às suas conseqüências, permitirá o ser em lazer escolher, a cada momento, a atividade corporal que respeite a herança recebida, bem como facilite a criação e o desenvolvimento de hábitos motores e de estruturas cognitivas, propondo novas e enriquecedoras formas de relacionamento com o exterior, onde estarão outras pessoas, outros objetos, outras cores, outros sons, outros períodos de tempo, outros cheiros, outros paladares, enfim, a mais variada forma de vivenciar o tempo de lazer.

Se a preocupação da possível área Ciências da Motricidade é com o todo do ser humano, saber é transportar essa totalidade para o que se é capaz de fazer, no caso, vivenciar o lazer. Assim como essa totalidade se altera a cada momento, as formas e as presenças de lazer também deverão se alterar, necessitando de uma permanente aprendizagem tanto da Motricidade quanto do lazer.

Justifica-se a associação da Motricidade e do lazer, ambos no sentido educativo, porque todas as formas e meios de educação devem ser utilizados de modo a poderem servir o ser humano em qualquer período da sua vida. As formas e os meios a que nos referimos, quando relacionados com o movimento corporal, devem ser estudados com rigor e com o mais elevado grau de exigência por uma área específica, a saber, a possível área Ciências da Motricidade Humana. Como o lazer demanda intencionalidade e movimento, este também pode e deve ser estudado por essa área.

O lazer como constitutivo da corporeidade

No início deste texto, gravei o título “Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa”. Neste momento retomo esse pensar na tentativa de suspender o valor que nossa tradição judaico-cristã deu, e ainda dá, ao sentido do trabalho, deixando como periférico o sentido do lazer por não significar algo conquistado a duras penas ou algo transformado em um produto.

Há pouco tempo, referi-me a este ponto em um congresso da área de lazer. Mostrei que enfatizamos o sentido de ausência do lazer a partir da estruturação da sociedade capitalista; no entanto, em toda a Bíblia, quer no Velho,

quer no Novo Testamento, o que se encontra é a ênfase no trabalho e a ausência do registro de momentos destinados ao lazer.

Brinquei com os congressistas, na ocasião, mostrando a “goleada” que o trabalho impõe ao lazer, pois já na criação foram seis dias de trabalho para um de lazer e este ainda destinado apenas à adoração a Deus. Em nenhum momento nas Escrituras é mencionado, por exemplo, como brincavam os heróis bíblicos. O relato de suas vidas foi composto apenas no sentido dos serviços realizados.

Essa exacerbação do sentido do trabalho parece haver tatuado em nossos corpos um sentimento de culpa quando do não trabalho. Se considerarmos que a nossa civilização ocidental é, em grande parte, originária dessa tradição judaico-cristã, pode-se perceber o significado desse sentimento de culpa em relação à vivência do lazer, culpa esta, enfático, presente em nossa corporeidade muito antes do aparecimento da sociedade industrial capitalista.

Entretanto, quando recorro minha existencialidade, fatalmente me deparo com o lazer, nos momentos mais prazerosos dessa vida. E é assim, declarando a vida que se vive, que quero afirmar o lazer como fundamental para o entendimento da corporeidade.

É necessária uma observação importante aos acadêmicos de plantão neste momento para evitar polêmicas estéreis. Quero dizer que lazer, para mim, no atual contexto, significa estar descompromissado com um trabalho produtivo, quando posso escolher a forma de minha vivência priorizando prazer, liberdade, ludicidade, enfim, as mais variadas possibilidades de existencializar o tempo livre na busca da felicidade e do convívio social.

Várias imagens poderiam ser mencionadas para mostrar a necessidade da vivência do lazer. Vocês já notaram que, quando em férias na praia, no campo ou mesmo em casa, nos esquecemos de qual é o dia da semana ou do mês que estamos vivendo? Quanto esforço temos de fazer para lembrar “que dia é hoje”? Nossa corporeidade parece necessitar, para sua sobrevivência, que deixemos de viver cronologicamente para usufruirmos da vivência do tempo no sentido *kairós*, onde vida e mundo se confundem na existencialidade.

Por sinal, na maioria de nossas vivências do tempo de lazer, vivemo-lo em abundância. Creio que o lazer deve ser vivido em abundância. Não consigo imaginar um semi-lazer ou um meio lazer. No lazer, ou o desfrutamos na sua íntegra, ou ele não consegue se apresentar como lazer em sua plenitude e verdadeira forma. Daí minha afirmação primeira de que o lazer é constitutivo do ser humano, tal qual o trabalho, tal qual o lúdico e outros.

Aqueles que gostam de praticar esportes, em seus momentos de lazer, sabem o que significa o conceito de viver em abundância a prática esportiva. Quando jogamos, não imaginamos sair do jogo antes que este termine. Portanto, há sentido na letra de música cantada por Ivan Lins que diz “não tem cabimento entregar o jogo no primeiro tempo.”

Voltando às experiências da vivência do prazer no lazer, lembro que é nos momentos de não trabalho e na convivência com nossos familiares ou amigos queridos, que projetamos nossas vidas para o futuro, arquitetando novos projetos de vida e de convivência, analisando novas possibilidades de encontros, enfim, tecendo um pensar nos des/compromisso de olhar para o hoje e para o amanhã sob as óticas tópica e utópica.

Mesmo nos momentos de minha ação profissional na academia, quando da produção de textos, de propostas pedagógicas, de análises e reflexões sobre os temas relacionados às pesquisas, quantas vezes me surpreendo em atitude de lazer, deixando o pensamento correr solto, livre da lógica formal que tanto me impede de viver intensamente idéias, projetos, de criar novas lentes para ver velhos problemas. Superar a lógica do trabalho impositivo, muitas vezes, permite que algumas das melhores idéias apareçam, como por intuição ou simples reação ao desprazer da forma tradicional do trinômio trabalho/suor/lágrimas.

Parece claro para mim que vivenciar o lazer é condição de qualidade de vida, assim como o direito ao trabalho. Interessante notar, numa sociedade pautada pela produção em série e pelo lucro exacerbado, que este direito é apenas possibilitado aos não produtivos. Que injustiça com o ser humano em sua existencialidade: viver só para a produção, como se lazer fosse prioritariamente destinado às crianças (mesmo estas já estão sendo usurpadas em seus direitos de brincar e de ser criança) e aos idosos já aposentados, uma vez que já cumpriram seus deveres.

A corporeidade que sou reclama o direito da vivência do lazer e, com ela, a incorporação de todos os seus constitutivos. Da mesma forma que posso ser valorizado por minha produção, devo ser respeitado por meus momentos de nada fazer, de escolher ouvir um bom jazz, de ir ao teatro ou ao cinema sem peso na consciência, de ler um livro em um dia frio (como já musicou Djavan), de degustar um bom aperitivo em uma bela praia ou em um bar de minha preferência, acompanhado de um rum carta oro com coca ou pepsi (*light* para não engordar e aumentar os problemas cardíacos), olhando um belo pôr-do-sol ou estar lá pelo simples prazer do momento, ou mesmo algo menos sofisticado, em minha própria casa, na companhia de meus familiares e das pessoas que amo, não necessitando justificar nada a não ser o direito imperioso do lazer, elemento constitutivo do viver bem e em abundância.

Considerações finais

Ao redigir este texto, passei por momentos de trabalho e de lazer. Parte dele foi respeitando a tradicional senda de ser acadêmico e parte dele foi respeitando o prazer de me deixar levar pela sensação de estar em atitude de lazer.

Creio que será fácil aos leitores diferenciar as partes, sendo que alguns gostarão mais do acadêmico, outros do intuitivo e outros ainda dos dois ou de nenhum. Essas são as escolhas possíveis nesse universo.

Quanto a mim, confesso que sem grafar a parte saída do descompromisso, teria dificuldades de dizer o que sinto a respeito do tema lazer. Assim, em vez de enveredar por caminhos definitivos nessa área, preferi vivenciar atitudes de lazer. Os leitores serão os mais aptos a analisar o texto.

Por fim, se no início afirmei minha preocupação com a redação do tema, agora quero dizer que estou aliviado, pois, entre outros fatores, pude ser corporeidade que vivencia o lazer em um sentido amplo, desfrutando dos momentos prazerosos dessa vivência.

Referências Bibliográficas

1. CAPRA, Fritjof – **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1993.
2. MORIN, Edgar – **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
3. FOUCAULT, Michel – **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
4. MORIN, Edgar – **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
5. CAPRA, Fritjof – **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1999.
6. DE MASI, Domenico – **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
7. MERLEAU-PONTY, Maurice – **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
8. MARCELLINO, Nelson Carvalho – Lazer e qualidade de vida, in: Moreira, W.W. (Org.) **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas: Papirus, 2001.
9. TROVÃO DO ROSÁRIO, Alberto – A motricidade humana e a educação física, in: Sérgio, M (Org.) **O sentido e a ação**, Lisboa: Instituto Piaget, 1999.